

Apresentação dossiê

Ativismo visual e educação: Práticas formacionais na Cultura Visual

Partindo do pressuposto de que “*A leitura do mundo precede a leitura da palavra*”, como afirmou Paulo Freire (1921-1997) na abertura do Congresso Brasileiro de Leitura, realizado na Cidade de Campinas, São Paulo, em novembro de 1981, e de que o olhar reconhece antes mesmo de poder falar sobre a relação entre o que vemos e os nomes que lhes damos, como elucidou John Berger (1926-2017) em sua obra *Modos de ver*, de 1972, consideramos pertinente, sobretudo para o campo educacional, discutir como a experiência visual constrói modos de ser, de agir e de se comunicar no mundo em que vivemos com o outro.

Ao longo da constituição e institucionalização do campo de estudo denominado Cultura Visual, nas últimas décadas do século XX, foi se deslocando o foco de interesse de pesquisadores, que partiu das estruturas e da mera transmissão das informações pelas mídias institucionalizadas, para uma ação que engloba os sujeitos atuando em estruturas comunicativas que são, muitas vezes, orgânicas e moleculares, como é o caso das redes sociais no século XXI. O foco de interesse do campo de estudo tem se deslocado daquilo que se representa para nós para aquilo que podemos apresentar para o mundo que se deseja transformar.

Neste contexto, emergem da configuração comunicativa do século XXI noções que atestam esse caráter mais interativo da Cultura Visual, a exemplo do *Ativismo Visual* compreendido como uma prática intencional de fomentar modos não hegemônicos de ver a si, o outro e o planeta. Uma atuação que se dá como forma de expressão da vontade de transformar o mundo com imagens, como também pela força do desejo de verdade que chega a criar expressões e universos que só existem pela força ilocucionária daqueles que criam, como é o caso das *fake news*, da ficção e da pós-verdade.

No final da segunda década do século XXI, quando um vírus quase invisível confinou grande parte da população mundial em casa, impondo o distanciamento social e intensificando o uso de plataformas digitais de comunicação, os produtos da comunicação visual atravessaram as paredes de nossos refúgios exacerbando a visualização do mundo por meio de vídeos, charges, cartuns, memes, entre muitos outros artefatos. Essas marcas testemunhais subjetivadas de como a humanidade percebe e se relaciona com as situações do seu tempo, chamam nossa atenção pelo fato de que os usuários das redes não se colocam mais, apenas na condição de consumidores de imagens, mas também na

condição de quem atua por meio das visualidades e contravisualidades para se significar, significar o outro e agir sobre o mundo.

A Educação como um campo transdisciplinar altamente afetado por essas demandas sociais, cujo espaço das aulas funciona como caixa de ressonância de tudo o que acontece na sociedade, não pode prescindir desse debate, uma vez que, há uma relação direta entre os objetivos formativos das práticas discursivas, o ativismo das práticas sociais e culturais e os transformadores das ações educativas.

Por esses motivos lançamos a proposta de um dossiê temático voltado para o *Ativismo Visual e Educação*, com debates e reflexões em torno das práticas culturais de aprender/ensinar a (não)ver e ser visto; artefatos e tecnologias visuais; formas de subjetivação; modos de ver hegemônicos e contra-hegemônicos; táticas de resistência e ações de (re)existência, saturação do campo visual e pós-verdade.

Colegas brasileiras, argentinas, portuguesas e espanholas responderam ao nosso chamado. Os nove artigos selecionados para compor o dossiê que apresentamos, a seguir, estão agregados em torno de práticas formacionais que acontecem nas escolas e fora delas, nas exposições artísticas de espaços consagrados e nas redes sociais. Esses artigos brindam as e os leitores deste periódico com um conjunto de informações e reflexões relevantes e pertinentes para todas as pessoas interessadas em compreender os processos educacionais, formativos e sociais como uma realidade em constante mutação, atravessados pelas formas de subjetivação contemporânea das quais não se exclui a comunicação pelas / com as imagens.

Desse modo, o dossiê que hora apresentamos se constitui num conjunto de elucubrações formativas sustentadas em dados empíricos, vivências contemporâneas, estudos e proposições teóricas de um variado campo de conhecimento não-disciplinar. Assim sendo, apresentam reflexões sobre:

- Aprofundamento e aprimoramento das ideias em torno dos conceitos;
- Relações entre a formação geral da cultura, as transformações sociais e o currículo escolar;
- Pautas contemporâneas problematizadas como vetores de propostas formativas;
- A necessária abordagem crítica das visualidades.

Abre o dossiê o artigo *Cultura Visual: caminhos, direções e emergências sobre os estudos com visualidades no século XXI*, de autoria de Lucas Pacheco Brum e Maria Cecília Lorea Leite. Essa minuciosa revisão bibliográfica discute os percursos e direções da institucionalização do campo de estudos da Cultura Visual no território brasileiro, no decorrer da última década do século XX,

ênfase a sua ampliação no século XXI. Os autores consideram que o consumo e (re)produção de representações visuais no século XXI passa a dar ênfase a objetos visuais que ainda necessitam ser mais estudados deixando pistas para possíveis investigações como, por exemplo, o uso abusivo da representação de si; os *stories* das diversas redes sociais; os canais do YouTube e seus milhares de seguidores; os *emojis*, GIFs, memes como forma de comunicação e interação nas redes sociais digitais; os modos de ver e ser visto nas redes sociais digitais e outros dispositivos/aplicativos de interação e mediação social, como *Tik Tok*, *Snapchat*; as aparências visuais, forjadas, camufladas, falsas e produzidas com camadas de filtros e tantos outros objetos visuais circundantes em nossa cultura.

João Baliscai e Bruna da Silva Brasil seguem com uma reflexão sobre artefatos culturais destinados às infâncias. *Brinquedos não têm gênero: cultura visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância* tece uma reflexão sobre como os seres humanos, antes mesmo do nascimento, já tem seus corpos lidos de um modo generificado e como os artefatos relacionados às infâncias perpetuam essas distinções. Formas, cores, texturas, volumes padronizam comportamentos, desejos e ideias que continuam sendo exploradas por grandes corporações do entretenimento do século XXI, fomentando o consumo excessivo de determinado produto, agora travestido em múltiplos acessórios para a mudança de um visual que não altera a representação estereotipada, apesar dessa prática formacional ter sido amplamente criticada nas duas últimas décadas do século XX em torno das representações da boneca Barbie.

Em *Cultura visual e educação: grupos de discussão com estudantes no ensino secundário português*, as autoras Alice Balbé, Isabel Macedo e Rosa Cabecinhas se posicionam em práticas formacionais de fazer ver o racismo sempre presente nas encruzilhadas das relações interculturais. As autoras pensam o cinema como material estímulo para o debate. Partem de excertos de filmes que tratam sobre a ditadura portuguesa, o colonialismo, as lutas de libertação do século XX e a violência vivida durante esse período em Moçambique e em Portugal, em busca de compreender os discursos sobre o passado e o presente que são mobilizados por jovens estudantes do ensino secundário em Portugal. A violência do processo colonial emerge como um dos aspectos que os participantes do estudo mais desconhecem, sinalizando o apagamento dessas questões no cotidiano escolar e social desses jovens. As autoras defendem o papel das artes, e especificamente do cinema, no processo de desconstrução crítica dos pontos de vista dos jovens sobre si mesmos e sobre o mundo em que vivem, como um recurso potente no enfrentamento das representações hegemônicas e promoção de mudança social.

As colegas espanholas Begoña Sánchez Torrejón e Sabina Sánchez Alex, com o artigo intitulado *Educação na cultura visual mista: professores como ativistas pela igualdade* discutem a urgência do ativismo visual docente em perspectiva de gênero. As autoras descrevem o cenário da escola espanhola em que o corpo discente, com mais competência digital que o corpo docente, apresenta uma trajetória e projeção crítica inversa ao corpo docente, o que requer uma resposta rápida das práticas formacionais. Consideram que jovens e adolescentes necessitam de práticas coeducativas, que fomentem a crítica, a igualdade de gênero, o respeito e a democracia. Enfatizam um ativismo visual docente compromissado com maior grau de justiça e equidade, o que demanda processos de análise e crítica de todo e qualquer conteúdo digital que se apresente nas telas que acessamos, para fazer frente à desinformação e *fake news* que as tendências sociais, e meios que não apoiam a igualdade de gênero, fazem circular na atualidade. Acreditam que, apesar das dificuldades enfrentadas durante o período de distanciamento social causado pela pandemia de COVID-19, as práticas formacionais que se instalaram nesse período facilitaram a resposta de práticas ativistas frente a lenta implementação das políticas educacionais voltadas para a introdução das tecnologias digitais nos centros escolares.

Arte e ativismo cultural de mulheres na formação docente de Artes Visuais: educação crítica e enfrentamento às formas de opressão contemporâneas, de Alessandra Gurgel Pontes e Maristani Polidori Zamperetti, investe em práticas formacionais que possibilitem a percepção e a análise crítica de docentes em vista da conjuntura neoliberal, conservadora e patriarcal do Brasil. O artigo focaliza produções artísticas de mulheres e grupos feministas que podem inspirar ações pedagógicas de enfrentamento aos processos de subjetivação de padrões hegemônicos. Destacam o pioneirismo da produção artista de Anna Maria Maiolino (1942), que reverbera, de diferentes maneiras, em artistas contemporâneas que fazem circular suas obras na rede social *Instagram*, como Duda Dusi, Fernanda Delfino, Gê Viana, Juliana Costa, Mag Magrela, Sallisa Rosa ou o coletivo chileno *Las Tesis*. O ativismo visual dessas artistas funciona como uma episteme social, uma forma de pedagogia cultural, que articula linguagens artísticas exibindo a crítica social com relação a violência contra as mulheres, bem como a cegueira da justiça e da sociedade a respeito de tal opressão. As autoras enfatizam que, embora discutam a formação em Artes Visuais, entendem que docentes de qualquer área possam utilizar as produções artísticas de mulheres em suas práticas formacionais com visualidades para fomentar olhares críticos e interseccionais.

Em *O vitalismo queer da cibercultura: por uma pedagogia cultural*, Grazielle Oliveira Santana Ribeiro e Tatiana Fernández apresentam os resultados de uma pesquisa realizada no âmbito do

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade de Brasília (UnB), durante os anos de 2020 e 2021. A pesquisa realizada busca analisar como a cibercultura produz visualidades, identificando formas de operar das pedagogias culturais. Para as autoras a cibercultura se constitui em meio a explosão das tecnologias da imagem, abrindo, por um lado, possibilidades de participação ativa na construção do conhecimento e, por outro, o surgimento de uma vigilância óptica e controle da vida. Neste duplo jogo de práticas significantes são produzidas as visualidades e contravisualidades, eventos políticos que afetam as formas de ver o mundo. As autoras consideram que na cibercultura se configura uma potência para a variação latente sempre presente, denominada de vitalismo *queer*, que se refere à criação de diferenças não ancoradas em sujeitos, mas sim em afetos. Exemplificam o vitalismo *queer* em experiências brasileiras e mexicanas que alimentam a resistência do corpo coletivo. Pensam que a *queerificação* de práticas formacionais em Artes Visuais passa pela adoção do vitalismo *queer* do espaço cibernético caracterizado por: ações colaborativas como corpo; a aprendizagem autônoma; as operações transdisciplinares e a criação como variação latente, que permite encontros inesperados, desvios, mutações em universos inexplorados.

Adriana Hoffmann e Rosane Tesch nos oferecem o artigo *Ativismo visual docente: a contravisualidade em uma conversa online com imagens*. As autoras assumem o ativismo visual docente em suas práticas formacionais em meio aos desafios impostos pela falta de políticas públicas para o ensino, pesquisa e extensão, imposta à Universidade brasileira por um governo negacionista, em plena pandemia de Covid-19. As autoras citam, indiretamente, as pedras do poeta Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987), nas telas que temos no caminho e a caminho desse modo de fazer que denominam de conversa online com imagens “[...]uma conversa à distância que encurta distâncias e é uma conversa face a face em que as faces são mediadas por uma tela”. O artigo sente/pensa/refaz o itinerário pedagógico que as autoras criam imersas em múltiplas telas, a partir das quais narram sobre suas práticas de ensinamentos-aprendizagens em que se constituem com as imagens.

As colegas argentinas Ana Bugnone e Verônica Capasso, em *(Contra)visualidad y protesta: Projetemos en Brasil*, focalizam o ativismo visual do coletivo Projetemos que, com suas ações artísticas no espaço público de cidades de Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro, nos fizeram ver as demandas e críticas da população brasileira frente ao governo do Brasil entre os anos de 2019-2022. Com entrevistas aos integrantes do coletivo e imagens de suas ações coletadas na rede social *Instagram*, as autoras analisam como *Projetemos* combina as formas de apresentação nas ruas com as virtuais em práticas (contra)visuais. Consideram que essas ações são oportunidades pedagógicas e democratizantes, uma vez que qualquer pessoa - com acesso aos recursos técnicos-

pode fazer uma projeção pública desde sua casa, provocando ao mesmo tempo, ações de protesto e de formação. Incitam seus leitores a realizarem estudos contrastivos sobre o uso de projeções em espaços públicos *offline* e *on line* em outros países como Argentina e Chile.

Por fim, *Ativismo visual de Grada Kilomba na obra Ilusão, Narciso e Eco*, de Izaque Pereira de Souza, Janete Santos da Silva Monteiro de Camargo e Teresa Kazuko Teruya, apresenta o ativismo visual como uma estratégia artística muito utilizada por artistas visuais contemporâneos. As autoras focalizam o trabalho da artista portuguesa Grada Kilomba e, especificamente, a performance *Ilusão*, apresentada na exposição *Desobediências poéticas*, na Pinacoteca de São Paulo, no ano de 2017. Destacam o trabalho de performance da artista como uma forma que relaciona corpo, estética e política promovendo ações formativas que visibilizam e questionam o racismo cotidiano vivenciado pelas populações negras. Relacionam essa performance ao pensamento da psicóloga e ativista brasileira Cida Bento, expresso em sua tese *Pactos narcísicos no racismo*, na qual defende que o mito grego de Narciso constrói a ideia de uma imagem branca universal que nega o outro, que representa a incapacidade de amar e reconhecer o outro como objeto de amor. A performance de Grada Kilomba questiona sobre possíveis formas de sair desse modelo colonial patriarcal em que estamos imersos. O trabalho analítico do artigo responde aos questionamentos da artista ao propor práticas docentes fundadas na estratégia do ativismo visual, práticas que nos façam ver os privilégios da branquitude, que exploram imaginários simbólicos e constroem narrativas que precisam ser desobedecidas.

O conjunto dessas obras reforça a base do pensamento motriz da organização deste dossiê que é a convicção de que o contemporâneo como espaço/tempo de grande fluidez, rupturas e necessária revisão daquilo que é hegemônico, provoca descentramentos e descontinuidades das estruturas de poder nos permitindo compreender as estruturas vigentes, dinamizar processos e se relacionar melhor com o presente e, também, com nossa ideia de futuro. Desse modo, este resultado celebra uma pluralidade de abordagens e perspectivas que de outro modo ficariam obscurecidas pelo conhecimento homogeneizante.

Desejamos que desfrutem da leitura dessa organização que busca romper os localismos, por se tratar de uma proposta coletiva, aberta e flexível. Plural em suas formas, diversa em seus resultados. Desejamos aprender uns com os outros na esperança de que se sintam provocados a transformar o mundo com imagens.

Dr. Antenor Rita Gomes – UNEB.

Dra. Maria Emilia Sardelich – UFPB.

Dr. Victor Manuel Amar Rodriguez – UCA.